



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

15 de fevereiro de 2016

Notícias do Dia

Entrevista

"Há atraso em saneamento"

Há atraso em saneamento / Entrevista / Afonso da Veiga Filho / Diretor ABES-SC / Associação Brasileira de Engenharia Sanitária / Falta de planejamento / Campanha da fraternidade / Professor de Engenharia Civil e Sanitária / UFSC / Saneamento básico / Água / Esgoto / Resíduos sólidos / Esgotamento sanitário

ENTREVISTA

Afonso da Veiga Filho,

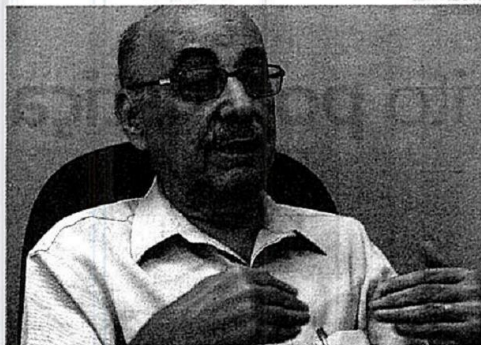
diretor da ABES-SC (Associação Brasileira de Engenharia Sanitária)

"Há atraso em saneamento"

País. Especialista fala sobre reflexos da falta de investimento em esgoto

FABIO BISPO
fabio.bispo@noticiasdodia.com.br
END_online

"A falta de saneamento mata." A afirmação do professor Afonso da Veiga Filho, 76, coloca no centro da discussão um dos itens mais básicos para o desenvolvimento humano e social, mas que ao longo de anos foi relegado por governos e sociedade. "Agora, estamos pagando o preço", declara o professor. A falta de planejamento adequado, com soluções integradas, segundo Afonso da Veiga, coloca o Brasil em uma das piores situações globais. Apesar dos bons números na economia e dos altos índices de qualidade de vida da população, Santa Catarina é apenas o 18º do país em saneamento. Confira a entrevista.



Saúde pública. Veiga Filho diz que "morre muita gente pela falta de saneamento"

Este ano a campanha da fraternidade lança tema sobre saneamento, com o lema "quero ver o direito brotar como fonte e correr a Justiça qual riacho que não seca." O saneamento entrou de vez na ordem do dia?

Na realidade o saneamento tem um envolvimento forte com a área ambiental, com a ecologia, mas o saneamento em si, que inclui fornecimento de água, esgotamento sanitário, resíduos sólidos e drenagem urbana, não tem tido o mesmo destaque, por exemplo, que as questões ambientais. Não se debate saneamento no mesmo nível. Os acontecimentos na área ambiental são mais pesados, os desastres naturais são fatos que acarretam em grande número de mortes em um curto espaço de tempo. Por exemplo, o acidente da Samarco, que gera um debate diante da grandiosidade do acontecimento. A falta de saneamento mata quase que na mesma proporção só que ao longo do tempo e aos pouquinhos.

Quais os efeitos mais fortes causados pela falta de saneamento, ou diante de um saneamento não adequado?

Morre muita gente pela falta de saneamento. Muitas vezes pessoas de baixa renda, de comunidades desassistidas. A falta de saneamento é problema de saúde pública. Se for feito um levantamento, veremos que 60% das mortes nos hospitais têm ligação com a falta de saneamento. O negócio é que o Brasil nunca se preocupou em ensinar ao povo os princípios básicos da autodefesa do saneamento. Ensina-se a escovar os dentes, lavar as mãos, mas não se ensina, por exemplo, a descartar o lixo corretamente, o porque de não deixar água parada. O problema do mosquito *Aedes aegypti* é reflexo disso. A autodefesa do brasileiro é ir ao hospital depois que fica doente. É uma questão cultural e vai ser muito difícil enfrentar isso.

É um problema nacional? Como Santa Catarina aparece neste cenário?

O Brasil só começou a ter algum interesse por saneamento na década de 1960. Digo água e esgoto, porque resíduos sólidos e drenagem sempre foram os primos pobres do saneamento. Naquela época, tivemos a presença da Fundação Sesp (Serviços Especiais em Saúde Pública), hoje Funasa, que era do Ministério da Saúde que trabalhava engenharia sanitária. Em 1970, a criação de um plano nacional de saneamento (Planasa) deu certa organização ao setor com a criação das empresas estaduais, como a Casan. Havia monitoramento do BNH (Banco Nacional de Habitação) e as companhias não eram usadas politicamente. A ideia da criação das companhias era tornar o serviço mais ágil e mais técnico, o que era difícil com um órgão do governo. Alocaram-se recursos para o setor e Santa Catarina, a exemplo do resto do Brasil, avançou bastante. Só que Santa Catarina não privilegiou o esgotamento sanitário e quase nada foi feito neste setor. Fizeram bastante pela água e hoje estamos pagando o preço por ter deixado de lado a questão do esgoto, pois a recuperação é muito pior. Imagina, estamos falando de situações da década de 1970. Mas aí em 1985 o governo Sarney extinguiu o BNH e aí virou bagunça. O controle, que era feito por órgão nacional, passou a ser feito pelos próprios Estados e aí cada governador deu o rumo que entendeu conveniente para as companhias. A grande maioria politizou.

Mas Santa Catarina é um Estado destacado pela economia forte e pelos bons índices de qualidade de vida, mesmo estando em 18º no país no ranking do

saneamento. A falta de saneamento não afeta estas questões?

Isso é uma grande negação de Santa Catarina em relação ao resto de seu comportamento. Não podemos ser considerados um Estado com perfil de primeiro mundo justamente pela falta de saneamento. Nosso Estado é equilibrado na indústria, comércio, a agricultura é forte, grandes empresas nacionais nasceram aqui, mas somos atrasados em saneamento. Principalmente no esgotamento sanitário. A falta de saneamento impede de qualificarmos Santa Catarina como de primeiro mundo. Mas os problemas de saneamento não são exclusividade de Santa Catarina. Temos essa mesma fotografia em praticamente todo o Brasil, com cores um pouco diferentes.

O que temos de planejamento para Santa Catarina? Quanto seria preciso investir para que o saneamento alcançasse níveis aceitáveis?

Em 2006 a Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente do Estado fez um estudo em parceria com o Bird (Banco Mundial) e estabeleceu as necessidades de investimentos para água e esgoto no Estado. Este estudo previa alavancar os níveis do serviço num patamar aceitável, 80% esgoto e 95% água. Para isso, o levantamento apontou R\$ 5 bilhões

para esgoto e R\$ 4 bilhões para água. O planejamento de água ficou tão caro, em relação ao previsto para esgoto, porque os sistemas que existem estão ultrapassados. Algumas cidades têm ligações tão antigas que já não têm mais capacidade para comportar o crescimento populacional, seria necessário fazer novos sistemas de água. Mas esse plano, infelizmente, nunca foi perseguido.

Professor entre 1972 e 1992 nos cursos de Engenharia Civil e Sanitária da UFSC.

Fundador do Sindicato dos Engenheiros de Santa Catarina e da ABES-SC (Associação Brasileira dos Engenheiros Sanitaristas de Santa Catarina).

Trabalhou na incorporação da Casan, em 1971, onde ficou até 1976, e também exerceu cargo de diretor de operações da companhia entre 1995 e 1996.

● A coluna "A vida segue" é publicada nesta página de terça-feira a sábado.

Enfoque Popular Geral

“Exposição traz momentos históricos do Estado”

Exposição traz momentos históricos do Estado / SESC / Prefeitura de Araranguá / Imagens de mudanças: Trabalhadores de Santa Catarina / Waldemar Anacleto / Subsecretaria de Cultura e Turismo / Universidade Federal de Santa Catarina / Santa Catarina / Eliane Casagrande / UFSC / Jair Anastácio / Ênio Frasseto/ Museu Histórico de Araranguá / Avenida Sete de Setembro / Avenida Coronel João Fernandes

Exposição traz momentos históricos do Estado

O SESC e prefeitura de Araranguá abrem hoje mais uma exposição no Museu da cidade. O tema é: “Imagens da Mudança: Trabalhadores de Santa Catarina”, do fotógrafo catarinense Waldemar Anacleto

Araranguá

Eduardo Souza

O ano de 2016 iniciará bem, e de um jeito diferenciado, o SESC de Araranguá em parceria com a subsecretaria de Cultura e Turismo nessa segunda-feira, dia 15, darão largada a mais uma exposição no Museu na cidade das avenidas, nomeada de “Imagens da Mudança: Trabalhadores de Santa Catarina”, do fotógrafo catarinense Waldemar Anacleto. As imagens registram momentos no desenvolvimento do estado, caracterizado pela industrialização e expansão no comércio, e recordando o papel dos trabalhadores catarinenses.



Waldemar Anacleto conta com um acervo de imagens localizado na sede da Universidade Federal de Santa Catarina. O fotógrafo foi assessor de imprensa do estado de Santa Catarina entre 1956 e 1979, e ele registrou para um núcleo de estudos sobre as transformações do mundo do trabalho no estado.

Para Eliane Casagrande, técnica de Educação e Cultura do SESC, a exposição Imagens da Mudança resgata a história,

proporcionando as pessoas uma viagem no tempo. “É uma exposição bem atrativa, o Waldemar trabalhou em três períodos, e aqui está à primeira fase, que eram as fotos em preto e branco a qual o futuro registrou momentos das transformações do mundo do trabalho”, relatou.

A exposição estará aberta todos os dias, até o dia 24 do mês de março. “Essa exposição é em parceria com a UFSC, e ela circula diversas regiões do estado e vale a pena visitar”, disse

Eliane. O local estará aberto das 13h até as 19h.

Segundo o subsecretario de Cultura e Turismo, Jair Anastácio, o SESC tem sido um grande parceiro na cidade de Araranguá. “Adquirir cultura e conhecer histórias nunca é demais. A população da cidade e da região deve aproveitar estas oportunidades para prestigiar as exposições. Em especial essa, pois o acervo do fotógrafo catarinense é bastante rico”, disse.

Abertura

A abertura acontece hoje, dia 15, com uma palestra do fotógrafo araranguense Ênio Frasseto, às 18h, no Museu Histórico de Araranguá, localizado na Avenida Sete de Setembro esquina com a Avenida Coronel João Fernandes. “Fica o convite para que a população visite o espaço e quem quiser agendar visitas coletivas pode ligar para o telefone da subsecretaria de Cultura e Turismo, no (48) 3903-1801”, lembrou Eliane.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

[Colombo cumpre agenda na Serra Catarinense e reúne Diretores das escolas estaduais](#)

Raimundo Colombo inaugura novo polo do Colégio Policial Militar em Lages

Aulas de Yoga no Museu Histórico de Santa Catarina voltam na próxima semana

Homens contam por que preferem prostitutas a sexo casual

Jovens do Rio Grande do Sul estudam juntos e passam em 21 cursos de medicina

Porto de Açu terá terminal de R\$ 610 milhões